



José Henrique Silveira de Brito

O que se passa com o Porto da Horta

“Da conversa entre os jornalistas, fiquei claramente com a impressão de que em muitas áreas, inclusivamente no que respeita às obras nos portos da Região, quem decide não se baseia em estudos prévios e competentes, nem ouve quem, como um saber de experiência feito, tem opiniões que não podem deixar de ser tidas em conta”.

Visitei o Faial pela primeira vez no começo de Agosto de 1958, a bordo do “Terra Alta”, numa viagem com a Filarmónica União Praisense, da Praia da Vitória, que nesse ano foi tocar às Festas do Bom Jesus, em São Mateus, no Pico. O passeio foi organizado de modo a proporcionar também a visita às ilhas do Faial e São Jorge. Na altura o vulcão dos Capelinhos ainda estava em actividade, embora fraca; extinguiu-se em Outubro desse ano.

Lembro-me perfeitamente da viagem. Depois de desembarcarmos na Horta, a Filarmónica desfilou pelas ruas da cidade e foi cumprimentar as autoridades, o Governador Civil e o Presidente da Câmara. À noite, houve baile no *Amor da Pátria*. No dia seguinte, fomos ver o vulcão aos Capelinhos; a actividade era pouco intensa, mas claramente observável. Dessa visita ficou-me uma memória que nunca mais esqueci. Eu via as pessoas a olhar com ar pesaroso para o vulcão e para os grandes estragos por ele provocados. Isso eu percebia; o que não entendia era que, ao comentarem a tragédia, acrescentavam: “pode ser que seja bom para o turismo! (no sotaque típico da Terceira)” Eu, na minha cabeça de miúdo **terceirense**, ficava a pensar: “o que é que os **“touroos”** vêm para aqui fazer?” “Turismo” era termo que ainda não fazia parte do meu vocabulário.

Foi nessa viagem que vi pela primeira vez ao vivo um porto de mar como o da Horta: uma doca, com uma marina com veleiros e outros barcos atracados; apercebi-me, então, da importância do porto para a Ilha e para os velejadores que atravessavam o Atlântico.

Depois desta primeira viagem, passei várias vezes pela Horta, uma delas, também com a Filarmónica da Praia, numa segunda ida às Festas do Bom Jesus, em 1962. Dessa vez foram as lanchas

Espalamarca e Monte da Guia que nos foram buscar à Praia da Vitória. A última vez que vi essas lanchas, estavam varadas, a apodrecer, no Porto da Madalena.

Na última passagem pela Horta, contrariamente ao que tinha acontecido até aí, para embarcar para o Pico fui apanhar o ferry no cais Norte. Durante essa estadia, não me apercebi de nada especial; era Agosto, o tempo estava esplêndido, tudo me pareceu normal. Com o andar do tempo, contudo, foram-me chegando informações sobre as consequências das obras do novo cais e das alterações que tinham provocado no comportamento do mar. Até que há dias, no dia 5 de Abril, na RTP Açores, no programa “Conselho de Redacção” moderado por Osvaldo Cabral (pode ver-se aqui: <https://www.rtp.pt/play/p2127/e399627/Conselhoredacao>), foram analisadas várias questões de interesse regional, sendo a primeira a do porto da Horta. Foi então que me apercebi da dimensão do problema, que se tornou mais evidente quanto, passados uns dias, vi no Facebook um vídeo de um veleiro lá atracado que, em movimentos bruscos, ora bate contra o cais ora se afasta dele, ora se desloca no sentido da proa ora no da ré (<https://www.facebook.com/jose.h.azevedo/videos/2229857567101587/UzpfSTEwMDAwMTgOMjU4OTI1MjoyNjQ1ODM1MDQ1NDg3ODg5/?id=100001842589282>).

Da conversa entre os jornalistas, fiquei claramente com a impressão de que em muitas áreas, inclusivamente no que respeita às obras nos portos da Região, quem decide não se baseia em estudos prévios e competentes, nem ouve quem, como um saber de experiência feito, tem opiniões que não podem deixar de ser tidas em conta. E nesta questão de portos, é fundamental ouvir com atenção quem está ligado ao mar. Dando um

exemplo: lembro-me das primeiras obras que os americanos fizeram no porto da Praia da Vitória, no começo dos anos 50 do século passado. Pouco tempo depois do início das obras, os pescadores, as gentes da “Ribeira mar” na linguagem de Vitorino Nemésio, disseram que tudo aquilo iria desaparecer com o primeiro temporal; foi o que aconteceu.

Como entender que se façam obras como as que foram realizadas no porto da Horta sem os estudos necessários para não prejudicar tudo o que há muito tempo está ligado ao iatismo, concretamente como porto de escala dos veleiros que atravessam o Atlântico, actividade de importância capital para a economia da ilha? Depois de ver o programa da RTP Açores, li um depoimento de um mergulhador que trabalhou no porto que dizia existirem fortes correntes nas águas fundas. Aliás, nas imagens vistas no *site* indicado acima, vê-se que à superfície o mar está calmo, mas o veleiro, que está atracado, não pára. Então fazem-se obras sem estudos? No mesmo programa, para lá do porto da Horta, foi dito que se enterrou imenso dinheiro no porto de Rabo de Peixe, em São Miguel, e o resultado deixa muito a desejar, e que, também devido às obras feitas no cais da Madalena, no Pico, tinham dado cabo do porto.

Como é evidente, os jornalistas intervenientes no programa são gente séria, não são pessoas que se dedicam à maledicência! Será que por razões políticas (eleições para breve, compromissos assumidos), dinheiro que existe para gastar (falouse em milhões de euros), se vai voltar a mexer no porto da Horta sem as devidas cautelas? Espero que não.

Braga, Maio de 2019

Boo Boo Davis e Paulo Gonzo fecham cartaz do Caloura Blues

O Caloura Blues Festival regressa à ilha de São Miguel para a segunda edição da viagem pelo Blues nacional e internacional. De 26 a 27 de Julho, a Baixa d'Aréia recebe o norte-americano Boo Boo Davis, o músico português Paulo Gonzo, Luís Barbosa Band e The Ramblers.

No primeiro dia do festival, sobe ao palco em estreia de Boo Boo Davis em Portugal. O músico norte-americano pertence à última geração de músicos que escreve e toca ao vivo o blues que bebeu das dificuldades sentidas na região do Delta do Mississippi. Em 2007, Boo Boo foi convidado para actuar no festival Pocono Blues, um dos maiores festivais de blues nos EUA, e actuou na BBC Radio One, no Canadá. Actualmente, Boo Boo tem 10 álbuns, editados pela editora Black and Tan. O álbum “Drew, Mississipi” foi considera-

do, pela revista Mojo, um dos 10 melhores álbuns de blues de 2016.

A dar as boas-vindas à nova edição do Caloura Blues está Luís Barbosa Band, que com os seus companheiros vão apresentar na sua terra natal “Dust to the Sky”, álbum digital lançado em 2017.

O segundo e último dia do festival abre as portas ao regresso do blues e soul de Paulo Gonzo com o álbum “By Request”, influência que o artista sempre assumiu, desde os primórdios na Go Graal Blues Band. “By Request” representa o regresso às origens de Paulo Gonzo. Mais do que uma homenagem aos mais variados nomes do blues, o músico português desejava há algum tempo poder compilar num só disco as músicas que sempre quis cantar, nomeadamente “These arms of mine”, “Midnight hour”, “Let’s stick together” ou



ainda o primeiro single “That’s Life”, de Frank Sinatra, verdadeiros hinos do Blues norte-americano.

Ainda antes de Paulo Gonzo encerrar a segunda edição do Caloura Blues, estão em cena The Ramblers. De Norte a Sul do

país são já vários os palcos que a banda de Lisboa pisou com o cognome de “Piratas dos blues”. Pelo mundo fora, abriram concertos de B.B King, Ian Siegal, Carvin Jones e ainda Blasted Mechanism. Em 2018, The Ramblers foram os vencedores do festival ibérico Sube Rock, o que lhes permitiu gravar o novo trabalho, “Corcel Kennedy”, que se juntou ao primeiro e segundo EP, “The Ramblers” (2010) e “Yer Vinyl” (2012), respectivamente, e ao primeiro álbum, “Wet Floor” (2015).

O festival, que só teve uma primeira edição o ano passado e que conta com a organização da Câmara Municipal de Lagoa, esteve nomeado em quatro categorias dos Iberian Music Awards: Best New Festival, Best Small Festival, Best Communication e Best Live Performance com Maria João & Buddha Power Blues.